

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR  
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 52

DOMINGO - 6 de Junho de 1954

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

## A VALORIZAÇÃO DO PORTO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**A MELHORIA** dos portos de influência local tem para o nosso País, com a sua extensa linha de costa, uma importância de há muito reconhecida e a que se tem correspondido com avultadas realizações no último quarto de século. Afirmam as opiniões mais autorizadas que, uma vez que o transporte por água é mais económico do que por terra, não convém que os grandes portos obsoletos a movimentação que àqueles deve pertencer, por respeitar a mercadorias destinadas ou provenientes das respectivas regiões. Há, pois, que favorecer o progresso dos pequenos portos de modo a poderem corresponder ao tráfico económico local e regional, desde que tal objectivo se concilie com as correntes estabelecidas dos transportes oceânicos e suas escalas.



obras de melhoramentos neles executadas; mas há, sempre, mais e mais a fazer, pois que um porto nunca está pronto, para os habilitar a influenciar, apreciavelmente, o fomento económico dos seus «interlands», permitindo-lhes que vivam para o pro-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Em obediência a este jubiloso critério iniciou o «Boletim do Porto de Lisboa» a publicação de uma série de pequenas monografias sobre as aspirações e necessidades de desenvolvimento dos pequenos portos. Na abertura do primeiro desses trabalhos, consagrado a Vila Real de Santo António, assinala-se que a conveniência económica de fomentar a utilização dos portos regionais tem amplamente justificado as numerosas

## PACTO DO ATLÂNTICO A POSIÇÃO DE PORTUGAL na Aliança dos países do Ocidente

**PASSOU** recentemente o 5.º aniversário do Pacto do Atlântico Norte, de que Portugal foi um dos signatários. A propósito, o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Paulo Cunha, fez de-

clarações muito oportunas e esclarecedoras ao microfone da Emissora Nacional.

Do que disse o ilustre homem público destacamos aqui:

«A Organização do Tratado do Atlântico Norte desempenha nos quadros da política externa portuguesa de hoje um papel de mais alto relevo. Grande aliança de potências ocidentais, portadoras dos mesmos ideais de civilização, destituídas de ambições territoriais, mas ambiciosas desse bem inestimável que é a paz, a Organização do Tratado do Atlântico Norte é factor fundamental da nossa segurança exterior. As Nações já não podem defender-se sozinhas ou por pequenos grupos. Tão grandes são os perigos que as ameaçam que só montando um vasto sistema político de defesa colectiva é possível conter em respeito os adversários. E esse sistema está, insubstituívelmente, na Organização e suas extensões complementares. Suprima-se ou arruine-se a Organização do Tratado do Atlântico

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## Encontram-se no Algarve OS SRS. MINISTRO DO INTERIOR, SUBSECRETÁRIO e director Geral da Assistência

**CHEGARAM** ontem à noite à Praia da Rocha os srs. ministro do Interior, subsecretário da Assistência e Dr. Agostinho Pires, director geral da Assistência e antigo governador civil do Algarve, os quais visitarão hoje as instalações do Sanatório Vasconcelos Porto, em S. Brás de Alportel, que se encontra encerrado, a fim de estudar o seu aproveitamento de molde a transformá-lo, depois das necessárias obras de ampliação, no grande sanatório do sul. Deverá ser construído um pavilhão com cem camas.

## ENGENHEIRO MASCARENHAS GAIVÃO

**PASSOU** há dias o primeiro aniversário da investidura do sr. Eng. Manuel de Sárea Mascarenhas Gaivão nas altas funções de Governador Civil do Algarve.

Além dos cumprimentos que lhe foram apresentados por representantes de todas as Câmaras Municipais da Província e membros da União Nacional, tem o ilustre chefe do Distrito recebido, de numerosíssimas pessoas de todos os sectores sociais, as mais inequívocas provas de alto apreço e viva simpatia pelas suas qualidades pessoais.

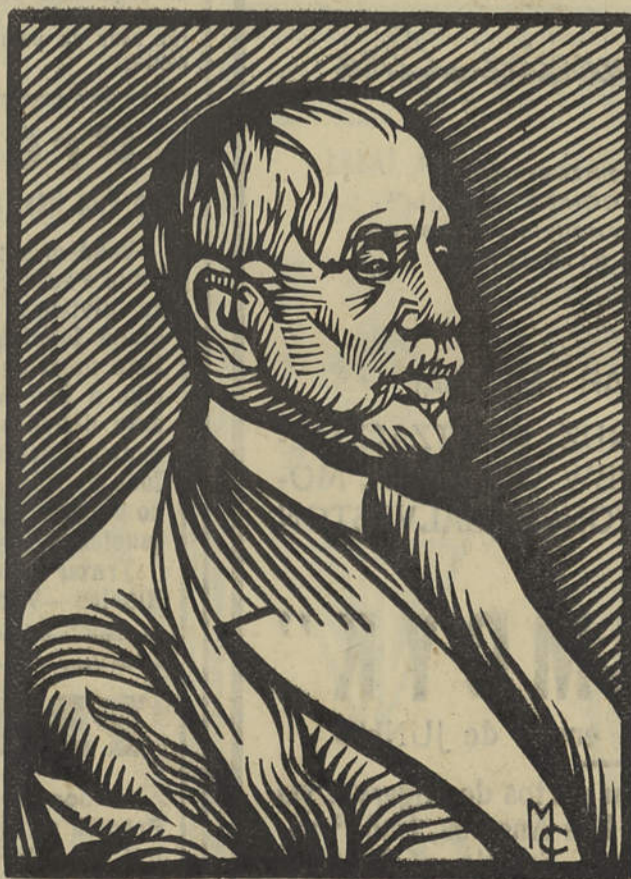
Associando-se a todas as homenagens que lhe têm sido prestadas, «Noticias do Algarve» apresenta ao sr. Eng. Mascarenhas Gaivão respetuosos cumprimentos de felicitações.

## TEIXEIRA GOMES

### E O ALGARVE

Por JORGE PEIXOTO

**A DIFERENÇA** entre o Baixo Alentejo e o Algarve é tão grande que não há nenhum habitante da primeira destas regiões que se furte dizer «Algarve» por oposição a «Baixo Alentejo». Em todos reina a ideia perfeita de uma unidade territorial, bem definida, «lá para baixo». «Ir ao Algarve» para as gentes de Mértola, Almodôvar, Moura, etc., é um entrar num «país» diverso do seu. Na verdade, o Baixo Alentejo estende-se, a perder de vista, monotonamente, com um «monte» alvo aqui a além. Das árvores, nem sinal. Luz forte, que fere, homem ensimesmado, extensões e extensões, sem variedade. Depois de se passar a interminável «serra algarvia» que obriga a evoluções coleantes, abre-se outro «mundo». É o Algarve litoral (guisa de indicação, informemos que geógrafos e povo estão de



Teixeira Gomes (Gravura de M. Cabanas)

pleno acordo ao dividirem, no sentido Norte-Sul, o Algarve em três secções: Algarve Serrano, Barrocal e Litoral). Este último possui as honras dos car-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## A CRISE DA LITERATURA

Por RODRIGUES PENA

**TEM-SE** insistido ultimamente na afirmação de que a arte, e mórmente a literatura, se encontram em crise. A frase célebre de Valery criou escola e os seus fervorosos acólitos. Não há escrevinhador de gazetas que se não atreva a desenvolver sobre esse tema as suas considerações e se não atreva a explicar os motivos e factos determinantes dessa crise. São de certo modo risíveis algumas dessas explicações, que a não ser ditadas por uma pasmosa ignorância, mostra da parte dos seus autores, a vontade de confundir e não explicar. Há ainda quem pretenda explicar as coisas do espírito exclusivamente através do próprio espírito, sem se dar conta que, procedendo assim, nada adiantam na questão que se empenham esclarecer.

Almas angustiadas ao verificarem o curso que a vida toma atribuem todos os males a uma civilização mecanizada, a essa tirania da máquina que arrasta os homens pelos caminhos onde os frutos do pensamento e do espírito são rele-

gados para segundo plano, ou apunhalados sem a mais leve consideração. E assim vão se estabelecendo novos mitos, atiram-se as palavras ao ar, censura-se isto e aquilo, numa insistência de explicar ou confundir os problemas. Se há quem se atreva a dizer que o excesso de benefícios da civi-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## Conta-Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

### Apontamento

Conheço bem as mulheres, minha amiga. Oh, se as conheço, tenho vivido muito. Conheço-as na perfeição. E' por isso que não me caso. Está a sorrir? Porque é que está a sorrir? Francamente, desorienta-me. Cada vez conheço menos as mulheres.

### Ginástica

Curioso o festival de ginástica. Mas meia dúzia de mulheres, apenas, na ginástica adiantada. Verdaderamente de estranhar, num país onde quase todas as mulheres (principalmente as mães de família) fazem uma ginástica constante para poder viver.

### Primavera

Sim, sejamos como a primavera. Mãos apenas para semear flores. Mas não flores passivas. Flores de trigo.

### A propósito

«Não se vai muito longe quando se destrói no homem a alegria de viver. Que o largo vento das cidades, da planície, do mar e da montanha semeie estas treze palavras pelos seus vastos domínios!»

### Amar o claro dia

Os morcegos não prescindem da noite. Como poderiam eles amar o claro dia?

### Teatro

A pepazinha cor de rosa. A dieta inevitável dos estômagos combalitados. Enternecedora esta preocupação pela saúde pública.

### A verdadeira tragédia

Mato findou. Um Maio de menos para viver. E não conhecemos as flores do campo nem a espuma do mar nem a pureza da planície nem os horizontes da montanha. E Maio que passou não se repete. Essa a verdadeira tragédia.

## Eng. Sebastião Ramires

e sr.ª D. Maria Isabel B. Ramires

**SUA** Santidade concedeu à nossa illustre conterrânea, sr.ª D. Maria Isabel Roldan Ramires a distinção de «Dama» da Ordem Equestre do Santo Sepulcro e Jerusalem, promovendo ao mesmo tempo seu marido, o nosso prezado amigo, sr. Eng. Sebastião Ramires, illustre deputado pelo Algarve, ao Grau de Cavaleiro Grã-Cruz (Magna Cruz) da mesma Ordem, o mais elevado da hierarquia respectiva.

Por tão alta distinção que honra não só os homenageados como o País e em particular Vila Real de Santo António, apresentamos aos dois nossos illustres conterrâneos as nossas mais vivas felicitações.

## A exportação de Amêndoa, Batata, Alfarroba e Figo PARA A BÉLGICA

O serviço informativo da Junta Nacional das Frutas insere elementos curiosos e que interessa especialmente ao Algarve, acerca das exportações de amêndoa, batata, alfarroba e figo para a Bélgica. Para conhecimento dos interessados vamos transcrever esses elementos:

O PRINCIPAL produto exportado para a Bélgica é a amêndoa, da qual se exportaram no ano findo cerca de 800 ton. com um valor superior a 15 milhões de escudos, valor este que subira a 18 milhões no ano anterior.

O nosso País tem figurado como o principal fornecedor de miolo de amêndoa do mercado belga, seguido da Espanha e da Itália. Convém contudo que os nossos exportadores não descancem sobre a posição alcançada, pois que outros países trabalham activamente para colocar os seus produtos. Assim é o caso dos Estados Unidos que aparecem no mercado, presentemente, como um novo e perigoso concorrente; o produto que apresentam é comercialmente impecável, a baixo preço e servido por uma bem orientada propaganda.

A amêndoa californiana de belo aspecto, rigorosamente calibrada, absolutamente limpa de impurezas e de bom tamanho é oferecida no mercado em embalagens que alcançaram gran-

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

**NOTÍCIAS PESSOAIS**

**Partidas e Chegadas**

Já regressou a esta vila, depois duma digressão pelo norte do país, em companhia de sua esposa e filho, o nosso prezado amigo e assinante, sr. João Barroso Gomes Sanches.

Acompanhado de sua esposa foi a Lisboa, a fim de consultar a medicina, o nosso prezado amigo e colaborador sr. Fernando Morais Rodrigues.

Esteve entre nós com pouca demora, tendo já regressado às suas propriedades em Espanha, o nosso prezado assinante e amigo sr. Dr. José Ortigão Gomes Sanches.

Acompanhada de seu esposo e de visita a seus pais, encontra-se nesta vila, a sr.ª D. Amélia Garcia de Carvalho, nossa prezada assinante em Lisboa.

Regressou de Lisboa a nossa prezada assinante, sr.ª D. Julieta Correia Castanheira.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em Albergaria-a-Velha, o nosso prezado assinante sr. Manuel Ribeiro Alves.

**Doente**

Tem passado incomodada de saúde a esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Francisco Ribeiro Alves.

**NOVO ESTABELECIMENTO DE OURIVESARIA**

Inaugurou-se, no passado dia 31 de Maio, na rua de S. João de Brito, um novo estabelecimento de ourivesaria, joalharia e relojoaria, propriedade do sr. Manuel de Oliveira Miranda Júnior.

Ao novo estabelecimento comercial, que se apresenta decorado com fino gosto, auguramos as maiores prosperidades.

**FESTEJOS POPULARES**

É bem notório o incremento que em todas as terras se tem notado com o desenvolvimento dos tradicionais festejos populares de S. João, S. Pedro e Santo António, este último bem arreigado na nossa Vila.

Recordar é viver! Assim saudosamente recordamos os velhos mactros que durante alguns dias era o divertimento popular.

Com o tempo essa tradição desapareceu e hoje nada existe.

Porque não renová-los com a colaboração da Comissão de Turismo local que poderia instituir prémios para os mactros mais artísticos.

Sabemos que à frente dela estão elementos de valor que decerto, em colaboração com a Câmara Municipal, poderão de novo alegrar com o entusiasmo dos novos, essas datas sempre festejadas.

**PELOS POBRES DA NOSSA TERRA**

Da Conferência de S. Vicente de Paulo, nesta vila, recebemos, com pedido de publicação, o apelo que a seguir inserimos:

Verificámos, pela Imprensa, o movimento alastrante da construção de casas para se recolherem os pobres. Não deve Vila Real de Santo António ficar indiferente nem parada, tanto mais que, desde há muitos anos, se vem aludindo a esta necessidade, sem que nasça a árvore frondosa que deve estender os seus ramos protectores por sobre tantos lares arruinados e que, em constante decadência, chegam a utilizar-se dum mísero buraco para lhes servir de habitação.

É necessário agir, e depressa! Para tanto, vamos lançar-nos numa empresa em que a nossa geração preste o seu útil contributo à Sociedade. Queremos que todos tenham a sua casa, para se acabar de vez com a promiscuidade que a nossos olhos se patenteia todos os dias. Queremos levar aos que sofrem de carência um conforto, ainda que reduzido, mas dado com o calor da caridade, com amor igual ao dispensado pelo Salvador, para nossa salvação espiritual. Dar, com o coração sangrando por tantos infortúnios que observamos e que não é possível remediar.

Para que o nosso auxílio seja um facto, vai a Conferência de S. Vicente de Paulo, na nossa paróquia, iniciar um pedtório, no intuito de se reunir verba suficiente para se tentar obter, junto das autoridades superiores, uma comparticipação, que venha transformar em realidade o nosso sonho bem-fazer.

Contamos com a generosidade de todos, e para a primeira pedra já temos mil escudos, que representam a primeira vibração dos corações generosos da nossa terra, tão fértil em manifestações de fraternidade cristã! Mais virão — assim os esperamos — e, dentro em pouco tempo, veremos se nos é lícita a consolação de verificar que não nos enganámos.

**AOS LAVRADORES**

**Manifesto de sementeira e plantação**

De harmonia com as disposições legais, são obrigados todos os agricultores a manifestar, para fins exclusivamente estatísticos, até ao dia 30 deste mês, as sementeiras de milho e feijão de sequeiro e de regadio e as plantações de batata de regadio.

Os impressos para os manifestos são distribuídos pelos regedores das freguesias, mediante a cobrança de \$30, devendo os referidos regedores proceder à recolha dos impressos, depois de devidamente preenchidos, bem como prestar, gratuitamente, todos os esclarecimentos necessários.

**Noticiário da Província**

**LUZ DE TAVIRA**

**Festejos Populares**

Promovidos pela Casa do Povo da Luz de Tavira, realizam-se naquela povoação, em 13 de Junho próximo, dia de Santo António, grandiosos festejos populares, de cujo programa fazem parte os seguintes números:

Exposição de labores, pelas alunas do curso de Corte e Bordados das máquinas de costura «PFAFF», seguida de um «Porto de Honra»; Torneio de tiro aos pombos, com dois prémios, e Baile, abrilhantado pela excelente Orquestra Jazz Imperial.

Colabora neste festival a insinuante cançonetista e patinadora artística, Tila Pedroso, e haverá esmerado servido de bufete e bar, iluminação eléctrica no parque, ornamentações a capricho e funcionará uma aparelhagem sonora. — e.

**OLHAO**

**Legião Portuguesa**

O Terço da Legião Portuguesa de Faro que fez parte dos seis mil homens que desfilarão no passado domingo na Avenida da Liberdade comemorando o 28 de Maio de 1926, foi por todos ali presentes aplaudido pela forma como desfilarão perante o sr. Dr. Oliveira Salazar. Não há dúvidas que o comando Distrital do Algarve brilhou a grande altura, especialmente a Banda de Música que no sábado fez um concerto no acampamento com o agrado de todas as individualidades ali presentes. — e.

**INTERESSES DO ALGARVE**

A DIRECÇÃO da Casa do Algarve, em execução de deliberações tomadas no respectivo Conselho Superior Regional, está promovendo as diligências necessárias junto das entidades oficiais competentes, para o início, o mais breve possível, da construção em Sagres da «Pousada do Infante»; para a dotação da freguesia de Quarteira de pároco assistente e para a urgente criação da Casa do Povo de Conceição de Faro, como insistente pedido de toda a freguesia.

Correspondendo a solicitações que lhe foram dirigidas pelo representante conselho de Vila Real de Santo António e pelo Município de Loulé, a mesma Direcção está pondo igualmente todo o seu interesse no conveniente estudo dos problemas do ensino técnico, não só das referidas localidades mas também de toda a província.

Sob o título «Regionalismo Algarvio e os grandes problemas do Algarve», realizará assim o antigo deputado e ilustre professor catedrático, Doutor Délio Nobre Santos, já no próximo dia 19, na Casa do Algarve uma conferência seguida de «simpósio» sobre os assuntos versados, durante a qual poderão usar da palavra as pessoas presentes.

**Prédios em Vila Real de Santo António**

Vendem-se: um na Rua António Passos, n.º 25, com onze divisões, duas portas e cinco janelas; outro na Rua João de Deus, n.º 2, (esquina com a Rua Artilharia I) com sete divisões, duas portas e quatro janelas, e outro na Rua João de Deus, n.º 4, com cinco divisões, uma porta e duas janelas.

Tratar com José Rodrigues Ribeiro — Vila Nova de Cacela.

**PRÉDIOS**

Vendem-se, nesta vila, dois Prédios na Rua da Princesa, n.ºs 37 e 39, e dois na Rua Miguel Bombarda, n.ºs 34 e 36.

Tratar com Mateus Fernandes, Rua João de Deus, 106 — Vila Real de Santo António.

**Actividades da Junta de Freguesia**

Damos hoje publicidade aos resultados numéricos das Contas de Gerência da prestimosa Junta de Freguesia local, referentes ao exercício do ano transacto, na parte relativa ao Refeitório para Indigentes.

Segundo o mesmo relatório, o saldo positivo com que fechou aquele exercício deve-se ao facto de o subsídio de esc. 15.000\$00, atribuído pela Comissão Municipal de Assistência, só ter sido entregue em Dezembro de 1953, em vez de o ser em Janeiro daquele ano, como era costume, do que resultou o movimento do Refeitório ser bastante inferior ao previsto.

Número de refeições fornecidas, em 1953 . . . . .	14.500
RECEITAS, provenientes do saldo de 1952, cotização, subsídios e donativos . . . . .	43.842\$95
DESPEZAS, com víveres, combustíveis, pessoal, contribuição e diversos . . . . .	32.787\$35
Saldo para 1954 . . . . .	11.055\$60
	43.842\$95

**Exportação de Amêndoa, Batata, Alfarroba e Figo para a Bélgica**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

de êxito. Estas são constituídas por sacos de papel forte e impermeabilizado, com capacidade para 50 kg. e que por seu turno vêm dentro de sacos de juta, considerados como tara perdida, mas não isentos de valor comercial para o comprador.

Simultaneamente são distribuídos em profusão folhetos de belo aspecto gráfico, com receitas, que os importadores poderão oferecer aos seus clientes, o que não deixa de ter comercialmente certo interesse.

Não obstante, a amêndoa californiana tem um contra — o ser pouco saborosa — mas este facto não é impeditivo da sua generalização no mercado, dada a sua óptima apresentação e isto prova-o a grande aceitação que tem registado junto de certos importadores.

Os países que mais de perto nos fazem por ora concorrência são, no entanto, a Espanha e a Itália, considerando alguns importadores belgas, a amêndoa italiana melhor que a nossa, pois a respectiva apresentação e forma de venda revela mais apuro e sentido comercial por parte dos exportadores italianos.

A amêndoa portuguesa é no entanto muito procurada pelos industriais de pastelaria em virtude de ser muito saborosa.

Não obstante raros são os importadores belgas que se não queixam da sua deficiente apresentação, aludindo quase todos ao seu pequeno calibre, irregularidades na calibragem, excesso de amêndoas quebradas e ainda frutos que escurecem depois de pedados.

Como a indústria de pastelaria belga usa o maior esmero na confecção dos seus produtos exigindo matéria-prima cuidada e de qualidade, a opinião de muitos importadores belgas é de que, a persistirem os defeitos já apontados nos lotes de amêndoa portuguesa, esta deixará de interessar, afluindo certamente o consumo em grande parte à amêndoa italiana tipo «Bari».

Em face disto é fácil concluir ser da máxima necessidade que nas exportações futuras se o seu maior esmero e rigor na composição dos lotes, na limpeza e apresentação, nas embalagens e embarque do produto.

Damos seguidamente nota dos preços concorrentes na última campanha:

Portugal — Faro, doce — C. I. F. — Antuérpia: Casca e mole, 16,00 e Miolo, 58/59,25, frs./kg.

Espanha — Miolo — F. O. B.: Maiorca, 56,00; Valência, sem escolha, 58,00; Maiorca, escolhida, 59,00; Longuettes, médias, 50,00 e Maiorca, partida, 55,00, frs./kg.

E. U. A. — Amêndoa da Califórnia — C. I. F. — Antuérpia: Shellers run — máximo 10% partidas, 56,00; Shellers run — máximo 5% partidas, 56,50; Calibradas 25/25 e 27/30, 58,00; Calibradas 20/22, 58,50 e Calibradas 18/20, 59,00, frs./kg.

Itália — C. I. F. — Antuérpia: Miolo, tipo «Bari», 57,00 e Miolo, P. G., 57,5/58,00, frs./kg.

Depois da amêndoa, o produto que mais avulta na exportação portuguesa para a Bélgica é a batata nova, de que se exportaram no ano findo cerca de 3.000 ton. no valor de 4.400 contos.

A batata portuguesa concorre geralmente em melhores condições de preço se bem que com valor comercial inferior ao da batata italiana e francesa. A melhoria da nossa batata conseguir-se-ia, à custa da variedade, de maiores cuidados na manipulação e preparação comercial e pelo emprego de taras melhores, como seria a caixa de madeira.

Outros produtos que Portugal tem exportado em larga escala para o mer-

**AGENDA**

**MOVIMENTO DA LOTA**

de Vila Real de Santo António

De 28 de Maio a 3 de Junho de 1954

TRAINEIRAS	
Carmela . . . . .	37.910\$00
Maria Rosa . . . . .	31.510\$00
Raulito . . . . .	29.665\$00
Levante . . . . .	27.975\$00
Brisa . . . . .	27.435\$00
Marisol . . . . .	27.330\$00
Tufão . . . . .	19.580\$00
Leste . . . . .	18.220\$00
Batinha . . . . .	17.930\$00
Flor do Sul . . . . .	17.360\$00
Agadão . . . . .	15.550\$00
Sam Domingos . . . . .	15.330\$00
Liberta . . . . .	11.535\$00
Nice . . . . .	10.580\$00
Novo S. José . . . . .	8.350\$00
Janita . . . . .	6.830\$00
Norte . . . . .	6.585\$00
Trio . . . . .	6.080\$00
Infante . . . . .	5.870\$00
Restauração . . . . .	1.280\$00
Deolinda Rita . . . . .	1.180\$00
Pérola do Guadiana . . . . .	970\$00
Briosa . . . . .	635\$00
<b>Total . . . . .</b>	<b>345.690\$00</b>

CERCO	
Amazona . . . . .	25.765\$00
Atum da costa Algarvia	
289 Afuns . . . . .	358.016\$70
533 Atuarros . . . . .	372.663\$40
102 Albacoras . . . . .	40.025\$00
75 Cachorretas . . . . .	2.135\$90
<b>Total . . . . .</b>	<b>772.841\$00</b>
48 Bonitos . . . . .	652\$00

**Movimento de Navios no Porto**

de Vila Real de Santo António

de 29 de Maio a 4 de Junho

Entradas:	
MARIA NORIEGA, Espanhol, de 584 ton., de Leixões, vazio.	
LATONA, Alemão, de 1126 ton., de Antuérpia, com arame.	
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.	
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.	
ALABE, Panamiano, de 1577 ton., de Huelva, vazio.	
Saídas:	
ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.	
ASTRA, Panamiano, com minério, para Belfast.	
MARIA NORIEGA, Espanhol, com conservas, para Génova.	
PRIMOS, Português, para Tavira, vazio.	
LATONA, Alemão, com conservas e ro-lhas, para Antuérpia e Roterdão.	
ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.	

**FARMÁCIA DE SERVIÇO**

Está de serviço permanente, de 5 a 11 de Junho, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

cado belga são a alfarroba e o figo, tendo saído no ano findo com aquele destino cerca de 5.000 ton. de alfarroba e 600 de figo no valor respectivamente de 1.600.000\$00 e 2.600.000\$00.

No que respeita ao figo o principal país fornecedor do mercado belga é a Turquia seguindo-se Portugal, se bem que com contingentes muito mais reduzidos; o figo português destina-se normalmente às classes populares, enquanto que o figo turco de muito melhor apresentação é considerado como fruta de luxo.

As cotações registadas na campanha finda foram as seguintes:

Figo 1/2 flor — (C. I. F. Anvers), 6,00; Figo flor — (C. I. F. Anvers), 8,50; Figo flor — qualidade Mimosas — Bruxelas, 11,65 e Figo Smirna corrente, 20/24, frs. 5, /kg.

*Holland-America Line*



AGENTES GERAIS  
CARLOS GOMES & C.ª L.ª  
15. R. DOS FANQUEIROS - LISBOA  
TELEF. 21142/21789

SERVIÇO REGULAR MENSAL  
Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido  
**"AKKRUMDYK"**  
carrega em LISBOA em 14 de JUNHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:  
<DIEMERDYK> — 8 de Junho  
<DURANGO> — 24 de Junho

Torneio Popular de Futebol Inter-Sócios

«LAZARETO» infligiu pesada derrota ao «NÁUTICO»

LAZARETO, 5 — NÁUTICO, 0

Lazareto: Romeu; Lopes, Santos e Rui; Fernando e Daniel; Marques, Ismael, Marco, Borges e Dionizio.

Náutico: Calvino; Ruas, Samúdio e Molarinho; Cipriano e Gregório; Casco, Agostinho, Ezequiel, Pereira e José António.

Árbitro: Balbino Madeira.

No fim do primeiro meio tempo o Lazareto ganhava por 2-0, com tentos marcados por Borges, um dos quais de grande efeito pela potência e rapidez do pontapé.

Na segunda parte, Ruas (na sua própria baliza), Daniel e, finalmente, Marco, após bom esforço individual, determinaram o resultado final.

A partida, jogada com muita correcção, não ofereceu grande interesse em virtude da equipa vencedora ter revelado, de princípio a fim, franca superioridade.

O Náutico, sem César e Canário, revelou pouca segurança na defesa e incapacidade no ataque.

É digno de realce o aprumo com que os jogadores do Náutico aceitaram tão volumosa derrota, oferecendo sempre luta animosa, sem jámas haverem esboçado o mínimo gesto de exagerada contrariedade em que são pródigos os que não sabem perder, isto é, os que não sabem ser desportista.

Porque nos apraz registar sempre as atitudes dignificadoras do Desporto, aqui deixamos exarado o nosso entusiástico aplauso aos correctos futebolistas, apontando o seu comportamento como um facto agradável a juntar a alguns mais deste Torneio que nem sempre tem decorrido como seria para desejar.

K.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
Porto . . .	6	5	1	—	11-6	11
Lazareto . . .	6	3	1	2	14-8	7
Atlético . . .	6	3	1	2	6-5	7
Náutico . . .	5	3	—	2	10-10	6
Celeiro . . .	6	1	3	2	11-11	5
Flor de Lis . . .	6	1	2	3	6-12	4
Hortalense . . .	5	1	1	3	4-7	3
Beira-Mar . . .	6	1	1	4	6-10	3

PORTO, 1 — HORTALENSE, 0

1.º Tempo — 1-0

Árbitro: Norberto Cavém.

Porto: Viegas, Viegas II e Tomé; Humberto, Samúdio e Parra; Guimarães, Antero, Salas, Fernando e Mendes.

Hortalense: Ribeiro, Tamissa e Domingos; Pereira, Sérgio e Rui; Gomes, Primo, Emidio, Lima e Igreja.

Marcador: Salas.

Aos vinte minutos de jogo, Parra e Antero receberam ordem de expulsão, ficando o Porto reduzido a 9 unidades.

Previo-se que o Hortalense exploraria a inferioridade numérica do antagonista, impondo-lhe o primeiro resultado negativo do Torneio, mas foram os azuis e brancos, que, em valorosa reacção, conseguiram marcar, aproveitando um falhanço da defesa adversária.

Tomando a dianteira no marcador, e cósncios do seu papel, remeteram-se os portistas a uma defesa cautelosa, neutralizando os pouco claras tentativas dos hortalenses para modificar o resultado e não deixando de ripostar em contra-ataque sempre mais perigosos que os destes.

Pela vontade posta na luta em perfeito «forçage» contra o golpe que os atingiu de início, merecem os vencedores—os nove que se mantiveram em luta leal até ao fim—os nossos parabens, pois, é pouco vulgar assistirmos a exemplos desta natureza.

Sobre a justiça das expulsões, não nos compete julgar, pois o juiz da partida saberá melhor que nós porque o fez. Contudo, sem pretendermos defender os prevaricadores, tanto mais que é absolutamente necessário eliminá-los de vez do desporto, consideramo-los, desta vez, vítimas do excesso de autoridade com que o sr. Cavém prendeu, e conseguiu, dirigir a partida.

CELEIRO, 1 — ATLÉTICO, 1

1.º Tempo — 1-1

Árbitro: José David.

Celeiro: Vaz, Quim e Peres; Pedro, Mendes e Ismael; Ulisses, José Maria, Raimundo, Norberto e Fernando.

Atlético: Mirones, Ferreira e Gaudêncio; Amândio, Américo e Aquilino; A. Vicente, Salvador, Renato, Sanina e Ludgero.

Marcadores: Norberto e Aquilino.

O empate não deve ter sauíto os contendores, todavia, é a tradução mais nítida de como o encontro decorreu.

Cada uma das equipas dispôs do seu período, beneficiando do favor do vento, e, embora os estilos fossem totalmente antagonísticos, tanto o Atlético como o Celeiro poderiam ter saído vencedores do prélio.

Mais fino e vistoso o jogo desenvolvido pelos atléticos, contudo, pouco eficiente na zona da verdade, aonde os seus atacantes sempre se perdiam em mais um dribble ou mais um passe, nunca rematando na melhor altura, vítimas do seu excessivo gosto pelo futebol filigranado.

Mais entusiasmo e força do Celeiro, fazendo lembrar a rivalidade de ambos que já se arrasta por alguns anos, mas também os seus atacantes careciam de poder realizador para chamar a si a vitória.

Portanto, o resultado, não satisfazendo ninguém, é o que melhor se ajusta ao labor das duas turmas.

J. C.

CINE-FOZ

Hoje, pelas 21,30 horas, exhibe um grandioso filme «Barba Negra, o Pirata», com Robert Newton, Linda Darnell e William Bendix. O filme descreve a vida do maior pirata dos cinco mares.

Quinta-feira, 10 de Junho, «Beau Geste», com Gary Cooper, Ray Milland e Robert Preston, se ainda não viu «Beau Geste», não perca a oportunidade de ver um dos mais belos filmes de todos os tempos com lutas, massacres e a grandeza do Deserto!

Algarve Desportivo

Torneio Popular em Olhão

Com a iniciativa de alguns desportistas olhanenses realiza-se, muito brevemente, no Estádio Padinha, um Torneio Popular de Futebol.

Este torneio serve para recrutar jogadores para as equipas do S. C. Olhanense.

Armando Martins renovou o contrato

Fala-se com certa insistência de que a Direcção do Olhanense renovou, por mais uma época, o contrato com o seu treinador de futebol Armando Martins.

Os espanhóis do Farense continuam em Faro

José Maria, Celestino e Miguel Vinuesa, representarão na época de 1954-1955, pela 2.ª vez o clube representante da capital do Algarve.

Chegam este mês os argentinos do Olhanense

Nos fins de Junho devem chegar a Olhão os argentinos que, na época passada, representaram o clube da vila cubista, a fim de começarem com a preparação com vistas ao próximo campeonato.

José López continua no Farense

Não há dúvidas de que a resolução da Direcção do Farense quanto à renovação do contrato com o seu treinador José López Martínez, foi acertada.

José López foi a Espanha onde foi passar algum tempo, regressando no mês de Julho.

Herculano Valente

Columbofilia

Grupo Columbófilo Guadiana

Concurso de Santarém—Pombos enviados, 105; média, 1,494,960 m. p. m.

Classificação: Joaquim Faustino, 1 e 25; Jaime Martins, 2; José Veia, 3 e 23; Dr. Manuel P. F. Vargas, 4 e 11; André Roque, 5, 13 e 21; Gervásio Martins, 6, 9 e 18; António Vicente, 7; Amândio S. Joaquim, 8; António Vargas, 10; Manuel Forra, 12; João Sousa Parreira, 14, 22 e 24; Manuel da Rosa, 15; Isidoro da Palma, 16 e 17; Carmo Oeiras, 19; Manuel Custódio, 20; João António Alexandre, 26.

Concurso de Coimbra—Pombos enviados, 94; média, 1,333,740 m. p. m.

Classificação: Dr. Manuel P. F. Vargas, 1, 3, 4, 7, 23, 29 e 32; João Alexandre, 2, 11, 12, 33, 41 e 46; António Vicente, 5, 14, 17, 34 e 48; Isidoro da Palma, 6, 9 e 40; Amândio Joaquim, 8 e 36; António Vargas, 10, 19, 27 e 42; Casimiro Leitão, 13; Gervásio Martins, 15, 16, 38 e 45; Joaquim Faustino, 18; António Martins, 20; Manuel Custódio, 21, 30 e 31; Manuel da Rosa, 22, 24, 49 e 50; André Roque, 25, 26, 28, 43, 44 e 47; Manuel Patrocínio, 35; Custódio Guerreiro, 37; Jaime Martins, 39.

Classificação actual do campeonato:

1.º António Vicente, 627 pontos; 2.º Dr. Manuel P. F. Vargas, 626 p.; 3.º António Vargas, 560 p.; 4.º André Roque, 549 p.; 5.º Gervásio Martins, 526 p.; 6.º Manuel da Rosa, 469 p.; 7.º João Alexandre, 436 p.; Isidoro da Palma, 420 p.

Todos os concorrentes que não figuram nesta classificação foram afastados por não terem classificados 2 pombos no devido prazo.

Sociedade Columbófila Cacelense

Concurso de Coimbra—Classificação: 1, 3 e 10, João Guerreiro Madeira; 2, Lúcio Guerreiro Lopes; 4 e 7, Luís Sequeira; 5, Joaquim Pedro Salgueiro; 6 e 9, Manuel Rosa Mendes; 8, Quintino Sousa Marques.

No próximo Domingo, realiza-se o concurso de Évora.

**EXCELSIOR**  
As melhores tintas para navios de pesca e comércio



**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República—Telefone 12

UMA CAMPANHA EM MARCHA

Novamente de Moçambique

foi enviado um valioso donativo

PARA O QUARTEL

dos Bombeiros Voluntários

NÃO há dúvidas de que a campanha em prol da construção de um quartel-sede, para os Bombeiros Voluntários desta Vila, merece o apoio dos vilarealenses. Pouco a pouco, chegam novas adesões a esse movimento, num crescendo animador, numa demonstração entusiástica e solidária.

Os nossos conterrâneos, embora residentes em localidades distantes da sua terra natal, vão provando o seu interesse e atenção pelo que se pretende realizar em favor duma obra meritória, digna, simpática, útil e necessária, correspondendo ao apelo que lhes vem sendo dirigido. As dádivas vão surgindo. Os incitamentos repetem-se. O movimento vai prosseguindo.

Novamente, de Moçambique, veio agora mais uma prova desse interesse. E uma ajuda também. Os filhos do nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Martinho de Assunção, quiseram figurar na lista dos subscritores que generosamente vêm contribuindo para o Fundo destinado a auxiliar a edificação da sede dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António. E ofereceram o seu donativo.

Anotamos as importâncias recebidas:

Transporte . . . . .	10.898\$50
Donativo do menino Américo Rodrigues Canelas d'Assunção . . . . .	25\$00
Donativo do menino José Manuel Rodrigues Canelas d'Assunção . . . . .	25\$00
Donativo de um anónimo . . . . .	25\$00
Soma . . . . .	10.951\$00

Visado pela Comissão de Censura

Mocidade Portuguesa

Terminaram as festas Comemorativas do 28 de Maio e encerramento das actividades levadas a efeito pela Ala 6.ª da M. P.

Todos os numeros do programa foram cumpridos destacando-se não só a tomada do Castelo como ainda as provas de Vela e apresentação da classe de ginástica pelo sr. professor Luís F. Berredo Santos.

Seguiram no passado dia 3 do corrente, para Lisboa, a fim de disputarem o Campeonato Nacional (1.ª Eliminatória) os filiados do Centro Especial de Remo n.º 11, José Luís Duarte Gomes, Ulisses José Rafael, José da Rosa Júnior, Sérgio Belião, Francisco S. Martins e José A. Carlota.

«JORNAL DO COMÉRCIO»

Com a devida vénia, transcrevemos do nosso prezado colega, de Lisboa, «Jornal do Comércio», o artigo «A Valorização do Porto de Vila Real de Santo António», que publicamos em editorial.



Confecções Viresa, L. da

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MOTORES MARÍTIMOS, INDUSTRIAIS E ELÉCTRICOS

GRUPOS MOTO-BOMBAS PARA REGAS

ELECTRO BOMBAS PARA REGAS, PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA A TODAS AS PROFUNDIDADES

DRAGAS PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA EM POÇOS PROFUNDOS

FERRO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E CHAPA DE FERRO

CANTONEIRAS, TUBAGENS DE FERRO, ETC.

CIMENTO, MANILHAS E SIFÕES EM BARRO

BETONEIRAS, MISTURADORES E TRITURADORES PARA CEREAIS

Lubrificantes «CASTROL» para todos os fins

Pneus «MICHELIN» Chupadores de borracha e mangueiras

EXTINTORES DE INCÊNDIO, FERRAMENTAS, ETC., ETC.

Para o seu caso consulte sempre a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

Telefone 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

DESSPORTISTAS!!!

LEVAI A TODA A PARTE A FAMA DO VOSSO CLUBE,

USANDO CHAPÉUS COM O SEU NOME E EMBLEMA!!!

A VENDA NAS BOAS CHAPELARIAS



Fábrica Condestável  
S. JOÃO DA MADEIRA

Casino da Manta Rota

A Junta de Turismo de Vila Nova de Cacela, recebe propostas, em carta fechada, para o seu arrendamento durante a época balnear de 1954, devendo as mesmas serem entregues até ao dia 15 do corrente mês.

Vila Nova de Cacela, 4 de Junho de 1954.

O Presidente da Junta de Turismo,

a) Hilderico do Nascimento Pires

# TEIXEIRA GOMES E O ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

tazes, da propaganda, e faz, exactamente, as delícias dos observadores superficiais. Até mesmo pelo contraste que se permite com o Baixo Alentejo, acabado de galgar com um espinho de angústia a atormentar o coração, pois todos nos supomos, em parte, responsáveis por esta última zona não ter «facies»... O Algarve litoral, que é aquele a que agora nos passamos unicamente a referir, vem-nos receber da melhor forma, apresentando uma luz crua a espaços, amorosa e doce a outros, cores e mais cores variadas, desde o branco das casas até ao verde escuro da alfarrobeira, amendoeira, figueira, passando pelo vermelho das terras, pelo azul de cobalto do mar. E em certo período do ano, o branco cristal das amendoeiras abafa tudo, parecendo que a neve do Norte pousou ali, por instantes, na sua migração para as elevadas paragens da Estrela, do Marão... O observador superficial detém-se logo perante o exotismo das chaméias, fazendo um hino aos seus rendilhados subtis e, por vezes, laparotos que demasia... Além disso, carrinhas com cavalicoques de guisalheira argentina e enfeitada, correm por todos os lados. Os alvos poços mouriscos, com calças brancas e intermináveis, surgem, bastos, no meio da pequenina propriedade. Como fimbria, a animar tudo suavemente, o mar. No alto, o céu, arreliaadora e teimosamente, sem núvens, a não ser os cúmulos anunciadores de trovoadas. Chegamos mesmo a ter saudades, nós, os do Norte, das ondas bravas e da chuva persistente...

Um Algarve assim tem os seus cultores, os seus panegiristas. Todos os apaixonados da cor e da luz vão encontrar nele o que o nosso Henrique Pousão foi topar em Capri. Sobre tudo, na parte Barlavento, ou seja de Lagos a Quarteira, próximo de Faro.

Entre todos os seus cultores, destaca-se Teixeira Gomes, o autor da prosa elegante de «Maria Sabina», «Cartas sem Moral Nenhuma», «Agosto Azul», etc., presidente da República, «exilado de Bougie», esteta, figura curiosa e multiforme. Nascido em Portimão, Teixeira Gomes nunca deixou de ter ferrete indelével do seu Algarve, ou pelo menos, daquele Algarve, cuja fama corre mundo e que nós poderíamos intitular, sem ponta de ironia, o «Algarve folclórico», próprio para ser glosado de todas as maneiras e feitios. Em Outubro de 1930, já voluntariamente exilado no Norte de África, Teixeira Gomes resolve regressar em imaginação até ao seu Algarve, à sua Praia da Rocha, ao seu Portimão, batendo a remige compassadamente. E que vê o olho embecido do esteta? Luz e mais luz. Cor e mais cor. Poentes. O mar, de novo o mar, outra vez ainda o mar azul. E' este o seu Algarve. Mas, perguntamos nós, não possui tudo isso o Algarve? Oh, céus! Claro que possui. Claro que encanta. Claro que atrai. Ir, por um fim de tarde, com um sol de fogo a morrer por detrás de uns leixões a sangrar, até à Praia da Rocha, e olhar de cima de uns penedos lá para as bandas de oeste, muito ao longe, o promontório de Sagres, negro, a indicar não sei o quê, é um espectáculo inesquecível. De resto, todo este «litoral» é uma nota inesquecível para quem tenha visto e conheça a Terra Portuguesa. Seduz e encanta.

No entanto, uma observação profunda exige mais, e não se pode confinar àquela que Teixeira Gomes efectuou. E' que a luz e a cor não são tudo neste Algarve. Há mais alguma coisa.

Tomemos outro escritor que tenha tocado estas paragens — Raúl Brandão. O autor de «Os Pescadores», pobrinho de imaginação, é certo, mas repleto de vida intensa, pousou em Olhão, esteve nas margens do Arade, em Portimão e Praia da Rocha, foi mesmo até Sagres. E que viu? Fatalmente o que em toda a sua obra e vida sempre viu: Silêncio e Dor — e não conheço escritor nacional em que a vida e a obra andem tão internamente ligadas, pois os seus fantasmas e os seus personagens têm uma forma tão esquemática, que lembram fonógrafo a repetir o rudimentarismo intelectual do seu criador.

Embora a passagem de Raúl Brandão, pelo litoral algarvio, pareça ter sido fugaz, ele não deixou de tocar um ou outro ponto no qual aflora o que Teixeira Gomes esqueceu ou não sentiu: a humanidade do quadro. E'lo que diz «...uma mulher passa numa estrada branca, entre oliveiras pulverulentas e fantasmas esbranquiçados de árvores, sentada no burrico, de guarda-sol aberto e dando de mamar ao filho. Terras de barro vermelho. Grupos de figueiras anainhas estendem os braços pelo chão...»

Quando desemboca na Praia da Rocha, Brandão sente-se também tomado pelo mesmo entusiasmo de Teixeira Gomes, muito embora o produto da sua criação venha tocado pela centelha característica — a Dor. Afirma: «Duas impressões se fixam no meu espírito para sempre: a noite extraordinária, a luz maravilhosa. Basta esta luz para ser feliz. E' ela que encanta o Algarve. E' ela (a luz) a criadora destas agonias doiradas que vão esmorecendo e passando por todos os tons até morrer muito a custo.»

Ao chegar à ponta de Sagres, o autor de «Selvas Desconhecidas», parece ter achado o ambiente de que andava um pouco arrevido durante toda a peregrinação algarvia. Perante essa paisagem grandiosa, cinzenta e trágica, vêmo-lo identificado com ela e proclama: «E' a realidade que nos mata. Este panorama é na verdade trágico. Não cessa dia e noite o lamento eterno da ventania e das águas». Nós, meros leitores, verificamos nestas frases despidas de imaginação, falhas de força, tudo aquilo que fustigava a sensibilidade de Raúl Brandão. Compreendemo-lo perfeitamente.

Desta sorte, o mais extraordinário memorialista do nosso país — nas suas «Memórias» há páginas das mais espantosas da nossa literatura — dá-nos um Algarve em que o tumultuar da vida ressoa ao longe.

Aquilino Ribeiro, ao ir a Olhão, não se limitou ao simples «quadro folclórico», com muita cor e muito cubismo... Ao lermos a sua descrição da pitoresca vila algarvia, sentimos o cheirete a peixe, que as velhas «açoteias» são lugares de onde se vê o mar, onde se seca o peixe, onde se estende a roupa, onde se encontra a capoeira, mas também servem para a boa da sesta, para a conversa fiada, para as vidas alheias serem assoalhadas pela noite dentro...

Teixeira Gomes, com a sensibilidade coada pela distância e pelos anos, apenas vê nesse Algarve cor e luz. Assim não é estranho que se aproxime dos pintores então em voga. O testemunho de Falcão Trigo é mesmo invocado. Apaixonado pela luz e pela cor, talvez Teixeira Gomes tivesse sido atraído, de quando em quando, para a pintura e não nos admiraria muito que amanhã alguém surgisse a revelar tentativas nesse sentido feitas por ele. Com a paleta literária guarnecida de cores, vai combinando «céus ácidos», manhas com tintas de limão no horizonte, poentes saburrosos com sangue a escorrer, tudo numa euforia que cega a vista.

Teixeira Gomes não olha, pois, para a «humanidade» que o cerca. E entende-se «humanidade» por tudo o que revela Dor, Alegria, enfim — Vida. As pobres das árvores que, no Algarve, não crescem para o alto, mas se deitam pela terra, fechando-se sobre si, revelam um anseio, exprimem tortura que as leva a contorsões espantosas. No género, são também clássicas as seculares oliveiras de Maiorca e Minorca... Para se observar o sofrimento, bem basta olhar uma figueira algarvia. Tema sugestivo para Raúl Brandão, ele, que havia dito bastar-lhe, para toda a eternidade, o contemplar uma árvore...

Ficando-se a atentar no verde, no tom violeta, no branco das flores das amendoeiras «que crescem como vegetação de coral no fundo dum aquário», Teixeira Gomes esqueceu ou não lobrigou a luta, a tragédia que havia em seu redor. Cantou o chamado «lado bom» e nada mais. O «lado mau» parece não lhe haver merecido uns instantes de atenção. Pelo menos não se lhe refere.

Pelo que vimos dizendo, duas atitudes são possíveis ao encerrar-se o Algarve Litoral. A primeira, a mais frequente, será apelidada de «folclorista», a do fazedor de frases chocalhantes, a do observador superficial, e como tal a que possui, infelizmente, mais cultores e mais admiradores. Teixeira Gomes pode ser incluído neste grupo. No entanto, uma prevenção: o nosso antigo embaixador em Londres esteve sempre muito acima de qualquer daqueles escritores. Ou ele não tivesse um estilo cristalino, de magnífico recorte, e uma sensibilidade espantosa para a cor e a luz. A segunda atitude não teve até hoje o seu verdadeiro intérprete. Só fugidamente é que alguns vão atentado no facto e entre estes, Raúl Brandão, que é, no caso, um iniciador, como será iniciador de muitas outras coisas dentro da nossa literatura. Esperemos que não demore a chegar esse ou esses intérpretes. No entanto, enquanto não se dignam apertar, bom seria que se fizessem estudos de ordem sociológica, geográfica, económica, tal como os nossos irmãos da América do Sul fizeram. Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Artur Ramos,

## A VALORIZAÇÃO DO PORTO de Vila Real de Santo António

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

gresso e do progresso das suas regiões. Como se sabe, com efeito, não tem sido esquecido o porto de Vila Real de Santo António. Vários melhoramentos de importância têm nele sido efectuados nos últimos tempos: construção de cais acostáveis; estabelecimento de acesso ferroviário aos mesmos; aquisição de apetrechamento mecânico para os cais. O objectivo foi, assim, criar um porto comercial e dotá-lo de convenientes condições de exploração.

Há porém, ainda, uma aspiração que tem sido formulada e que será, sem dúvida, uma realização de amanhã: a construção de uma doca de pesca.

A aspiração magna de possuir o porto uma doca de pesca fundamenta-se no objectivo de promover o descongestionamento do cais acostável do porto comercial, do qual hoje se servem tanto os cargueiros como os pesqueiros, do que resultaria, para aqueles, a redução do tempo da sua estadia no porto, e, para estes, a facilitação das descargas do pescado.

Separando, com efeito, a movimentação do pescado, tráfego pesqueiro, do movimento de cargas e descargas dos navios de comercio, tráfego comercial, que são tráfegos inteiramente diferentes, favorecer-se-iam assim, simultaneamente, ambos eles. As descargas de peixe, na desejada doca de pesca, seriam prontamente efectuadas e, por seu turno, o movimento corrente de embarques e de desembarques de mercaderia dos cargueiros que frequentam o porto não ficaria sujeito a demoras e a preterições prejudiciais nas ocasiões em que, em plena safra de pesca, afluem ao porto os pesqueiros para descargarem, praticamente todos ao mesmo tempo, no cais do porto comercial, único cais existente.

Com a nova construção seriam assim facilitadas as condições de aproveitamento do porto e este poderia ver alargar-se a sua actuação pelo aumento do número dos cargueiros que o frequentariam. Melhorado o desassoreamento da barra do rio Guadiana, o porto teria, de certeza, fundadas razões para se desenvolver; já se anuncia que diversas companhias de navegação brasileiras e norte-americanas estariam dispostas a enviar os seus navios regularmente ao porto de Vila Real de Santo António, porto indicado da laboriosa e progressiva região circundante.

Uma obra de utilidade, pois, uma obra de importância, como se vê pelo autorizado artigo do «Boletim do Porto de Lisboa»: a construção de uma doca de pesca no porto de Vila Real de Santo António.

## © Pacto do Atlântico

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Norte e nada fica diante das temerosas ameaças de Leste, senão uma pluralidade de Nações isoladas e mal defendidas, aptas a tombar uma a uma, como já outras tinham caído quando o Pacto do Atlântico pôde dar coesão ao Ocidente e evitar que a série continuasse.

Ninguém pode pôr em dúvida estas verdades.

Vencidos em 1945, militarmente, o Japão e a Alemanha, julgaram os países do Ocidente chegada a hora do desarmamento e do recomeço das tarefas construtivas. Tal pensaram, tal fizeram. Entretanto no Leste o procedimento não foi o mesmo. A política de rearmamento prosseguiu e assistimos surpresos à absorção de países até então independentes — a Bulgária e a Roménia, a Hungria e a Polónia, os países bálticos, a Checoslováquia e a Alemanha Oriental.

O objectivo da Rússia desenhava-se nítido — converter a Europa inteira numa poalha de países satélites dominados pelo comunismo como fórmula política.

Desiludidos da sua política de concessões, tal foi a caracte-

etc. estão na origem de muitos triunfos literários de Lins do Rego, Armando Fontes, Graciliano Ramos e Jorge Amado.

Jorge Peixoto

## A CRISE DA LITERATURA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

lização trouxe males irremediáveis ao homem; se há quem chegue a confessar que o progresso material estiolou o espírito humano.

Ainda se acredita que a miséria, o infortúnio, a doença são factores que preparam o clima propício para o desabrochar das obras de espírito. Continua-se a apelar para a inspiração e a depreciar o trabalho, aceitando-se como válida a velha pecha que tudo o que é espontâneo é obra de génio e tudo o que é conscientemente estudado e elaborado não passa de trabalho de besta. Numa palavra: faz-se descaradamente a apologia da preguiça, ignorando que os próprios génios se realizam pelo trabalho e actividade. Pois não disse Balzac que «o génio é um produto da persistência»? Pois neste torrão abençoado as coisas compreendem-se de modo diferente. E vai por aí um tal pandemónio de explicações, uma girandola de conclusões apressadas, que na verdade, quando se fala em crise de espírito eu me pergunto se não haverá excesso de espírito ou toleima em fantasiar os problemas das cores mais tenebrosas.

Ora vejam isto: dizem-nos que todo o mal prevém da nossa civilização material que abafou nas suas roldanas toda a criação artística. Por outro lado, e isto está ao alcance da nossa observação, dizem-nos que o nosso nível das indústrias transformadoras é baixo, que a nossa agricultura se encontra por industrializar; e ficamos hesitantes em dar razão aos que tal afirmam ou, aos outros que se empenham em explicar a crise do espírito pelo progresso mecânico. Pois não li eu já, dito por um médico, que certas loucuras dos nossos compatriotas se devem

à perniciosa influência das teorias existencialistas, isto, num país onde só meia dúzia de pessoas conhece de nome o Jean Paul Sartre? Aos que assim explicam as coisas eu pergunto se o português passou a almoçar duas vezes ou se as multidões que correm para os campos de futebol prova para diagnosticar os males ou achaques da vida do espíritos?

A América do Norte, que possui o mais elevado nível industrial deu-nos nas últimas décadas uma meia dúzia de escritores que por méritos ou ventos da fortuna ou da moda, se tornaram os corifeus da literatura mundial. E a história diz-nos claramente que ao progresso material corresponde sempre um florescimento das artes. Parece, pois, que o desenvolvimento das coisas materiais não contraria em nada a produção artística. Pelo contrário, tudo nos diz, que o artista para se entregar à sua obra necessita de assegurar a sua existência económica. Duas coisas se antolham indispensáveis: a sua segurança económica e o tempo necessário para estudar e trabalhar na sua obra.

Já Ramalho Ortigão estabelecia para todo o escritor do seu tempo o trabalho de oito horas diárias, acrescentando que todo o homem que escreve contra grandes responsabilidades para com a sociedade e a eficiência numa profissão não se adquire de mãos lavadas. No nosso país, salvo duas ou três conhecidas excepções, o escritor é o homem dos sete ofícios. Escrever é ainda uma arte de diletantes, um passatempo das horas de ócio. Mas não nos alonguemos em considerações já demasiado ventiladas para que nós lhe acrescentemos qualquer coisa valiosa.

Apenas desejamos afirmar que é um erro grosseiro separar as coisas do espírito das outras realidades. Erro grosseiro, afigura-se-nos também explicar a crise do espírito pelas contrariedades que o escritor encontra para ganhar a sua subsistência; outras razões se lhe devem juntar, razões que estão ao alcance da observação de qualquer um, limitando-nos a dizer que infelizmente nem público leitor possuímos, pois já se considera um êxito editorial a venda de 3.000 exemplares duma obra. Dissociar os problemas do espírito dos problemas materiais é um erro que já se não perdoa, a não ser que teimemos em guiar-nos pelo solipsismo idealista ou pelo materialismo mecanicista, correntes de filosofia um tanto anacrónicas.

Queremos explicar uma coisa abstraíndo-a das circunstâncias a que ela se relaciona, não é caminhar para uma solução, nem tão pouco para um esclarecimento do problema.

Rodrigues Pena

### Castro Marim

Vende-se duas moradias no melhor local, grande quintal e poço.

Informa: João Caldeira, Guarda Fiscal — Vila Real de Santo António.

Carlos Ratos